

O rumor como catalisador da maldade

Clara Maria Rocha de Almeida

Há maldade em todos nós. Apesar do que, muitas vezes, estamos dispostos a enxergar e admitir, não somos constituídos apenas pelas mais dignas virtudes, também somos formados por um mundo de sombras. Este mundo, ou submundo, é terreno fértil para nossa maldade e nele habitam nossos demônios internos, representados, no quadro *Alegoria da Calúnia*, de Irma Renault, pela calúnia, credulidade, ignorância, desconfiança, sarcasmo, inocência, hipocrisia, má-fé, inveja, remorso, culpa, artifício, maledicência e verdade por ouvir dizer. Quando agimos imbuídos por qualquer uma destas figuras, quando nos vemos no ciclo da calúnia, estamos perpetuando o mal.

Ter a dimensão desta realidade e aceitar sua existência, pode, em um primeiro momento, nos fazer querer esconder nossos demônios por uma repulsa em aceitar nossas sombras, mas é justamente este pensamento que impede a formação de nossa humanidade.

Embarcar neste processo de autoconhecimento é o caminho para uma rearticulação humanística, que nos permite a autonomia da escolha entre continuar perpetuando este ciclo de maldade, ou romper essa “normalidade” e adotar uma postura que busque estimular nossas potências vitais e nossa constituição como Pessoa. É demasiadamente humano conhecermos nosso submundo, é uma ampliação de consciência de quem somos nós, de quem são aqueles com quem convivemos e do mundo ao nosso redor.

Cada figura representada por Irma, ou seja, cada demônio interno, tem suas particularidades, atacam de formas diferentes, mas eles atuam simultaneamente, se retroalimentam dos sentimentos que geram, com o objetivo comum de incitar a barbárie humana. Romper com este círculo, portanto, não é tarefa simples, mas é o que permite que façamos resistência à nossa truculência, à que reverberamos no mundo e à que recebemos do outro.

Ainda, existem ferramentas que estimulam e provocam este ciclo, e o rumor, ou falar mal, é uma delas. Um simples comentário, uma brincadeirinha na roda de amigos, uma fofquinha atoa sobre o outro mostra, na verdade, a nossa hostilidade¹, que desagua na vontade de exterminar o outro. O rumor, portanto, é o primeiro degrau na escala de exclusão², à medida

¹ “Quanto mais espontâneo e injustificado o falar mal, tanto mais forte é a hostilidade que o sustenta.” Texto ely pag 14

² Falar mal, evitar o contato, discriminar, atacar fisicamente, exterminar – texto ely pg

que o utilizamos, ele vai se espalhando, ganhando força e se multiplicando, dando corpo aos nossos demônios, em uma crescente de nossas inseguranças, preconceitos, intolerâncias, até chegar ao momento em que a existência do outro se torna insuportável.

Neste sentido, quando habitamos este mundo de maneira acrítica, incorporamos essa matriz de sentimentos em nossas atitudes, vamos nos embrutecendo e passamos a pensar e pautar nossas escolhas sob as lentes da desumanização e da banalização do mal, o que traz consequências diretas não só no âmbito individual, mas também na vida em sociedade.

Ecoar este tipo de comportamento e normalizar a violência é o que permitiu o resultado das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, em que a maioria da população entendeu ser aceitável eleger um candidato que sempre externou um projeto de morte para o país, o desprezo pela ciência, pelas vidas vulneráveis e pela democracia. É, também, o que explica os aplausos e a euforia diante da caçada por Lázaro, que terminou com seu assassinato. Assim, a consciência da nossa maldade e de como a perpetuamos no mundo é, também, um ato político, que se torna urgente no cenário atual.

Como exemplaridade dos desdobramentos deste universo de sombras e como forma de ilustrar o desenrolar do ciclo da calúnia e o papel do rumor como aliado na perpetuação do mal, temos a peça Macbeth, de William Shakespeare e o filme o Trono Manchado de Sangue, de Akira Kurosawa.

O enredo da peça se desenvolve a partir da predição das Três Irmãs Estranhas de que Macbeth, um general do exército, seria nomeado Barão de Cawdor e, depois, Rei da Escócia. Apesar de tentar se esconder em uma falsa recusa a aceitar a profecia, Macbeth vê a possibilidade de alcançar uma ambição antiga e, então, passa a alimentar o desejo de ocupar a posição de rei, principalmente quando a primeira parte da profecia se concretiza.

Macbeth era uma pessoa próxima ao Rei Duncan, e no início da história é retratado como um bravo guerreiro, leal ao trono e digno de honrarias. Neste sentido a profecia gerou uma hipertrofia do seu merecimento, ele começa a acreditar que, de fato, deve ocupar a posição de rei independente das circunstâncias.

Macbeth, então, escreve uma carta à sua esposa, Lady Macbeth, em que relata todo o ocorrido, momento em que vemos com maior clareza suas intenções.

Quedava-me eu ainda extasiado por tal maravilha quando chegaram mensageiros do Rei, saudando-me todos como Barão de Cawdor, o mesmo título com que antes haviam me saudado as Estranhas Irmãs, quando então as três apresentaram-me ao meu futuro com um Salve o

Rei Que Serás. Isso pensei por bem contar-se (minha adorada parceira na grandeza), para que não se passassem em branco os teus direitos de regozijo, para que não ignores as grandezas que a ti estão prometidas.³

Lady Macbeth, se mostra a principal voz do rumor na peça, de forma escancarada ela afirma que seu papel é o de incentivar a barbárie em Macbeth, já que ele por si só não, não teria a maldade necessária tomar as atitudes para ascender ao trono. Ela afirma que a *natureza [de Macbeth]: tão plena é ela do leite da bondade humana que não permitirá tomar o primeiro atalho. Queres ser grande, e para isso não te falta ambição, mas careces da maldade que deve acompanhar essa ambição.*⁴

Assim, ela anseia por seu encontro com Macbeth, para *com a ousadia de minha língua, açoitai tudo o que se interpõe entre tua pessoa e o círculo de ouro com o qual parecem ter te coroado o Destino e o auxílio sobrenatural.*⁵

Quando se encontram, Lady Macbeth passa a usar os artifícios necessários para convencer Macbeth de aceitar seu plano e assassinar o rei. Ela sugere que eles dissimulem a realidade, que recebam a corte em sua casa e continuem com as aparências, se aproveitem da confiança neles depositada com uma cordialidade falsa, sugerindo que *Com a aparência de inocente flor, sê a serpente sob esse disfarce.*⁶

Diante da relutância de Macbeth em aceitar o plano e concretizá-lo, Lady Macbeth usa as artimanhas para atingir a inocência e a credulidade de Macbeth, dizendo: *Deixas que o teu “Não me atrevo” fique adiando tua ação até que o teu “Eu quero” aconteça por milagre; como a gata, coitadinha, que queria comer o peixe, mas não queria molhar a pata.*⁷

Com os ouvidos mais acostumados com a ideia de cometer o assassinio, Macbeth se convence diante da ideia de que não seriam descobertos pelo feito: *Encontro-me agora determinado, e tensionada está cada fibra de meu corpo, em prontidão para esse terrível feito. Vamos! Que se enganem os outros com nossa aparência mais serena. Aquilo que sabe o coração falso, a cara falsa deve esconder.*⁸

No segundo ato, portanto, Macbeth realiza o assassinio, em sua própria casa, enquanto o rei dormia, aproveitando da confiança e vulnerabilidade em que ele se encontrava.

³ Pg. 26

⁴ Pg. 26

⁵ Pg. 27

⁶ Pg. 29

⁷ Pg. 33

⁸ Pg. 35

PROJETO

Título provisório

O rumor como catalisador da maldade

Objetivo

Entender como o rumor funciona estimulando o ciclo da calúnia e a perpetuação do mal

Justificativa

Conhecer sobre nossa maldade, os artifícios que a estimulam e quando perpetuamos o ciclo da calúnia é essencial para termos a possibilidade de escolher um caminho diferente, uma rearticulação humanística. A urgência deste tema se dá com o contexto de extrema banalização do mal, de normalização da violência, de extermínio do outro que estamos vivenciando, o que torna este processo de conscientização, além de uma caminhada interna, um ato de cidadania. Não ter noção deste mundo de sombras, faz com que nossas ações, falas, pensamentos se pautem nessa matriz de sentimento da maldade, reverberando, portanto, no campo social – eleições do Bolsonaro, caso Lázaro, descaso com as mortes na pandemia.

Demonstrar como o rumor alimenta os demônios internos que não nomeamos, e tentar tornar mais claro que o “simples” falar mal do outro revela nossa hostilidade, que deságua na aniquilação, literal, do outro, para, então, termos a dimensão do que é que essas conversas, que muitas vezes consideramos apenas como um comentário atoa, uma brincadeira sem maldade, diz sobre nosso submundo.

A intenção deste texto é relacionar tais ideias de forma que fique clara a importância e urgência de embarcarmos neste processo de autoconhecimento, como forma apropriação de quem somos, o que nos permite a autonomia de escolher o caminho que vamos seguir – quero seguir perpetuando o mal ou adotar uma postura comprometida com o desenvolvimento de minha potência vital? Em que situações sou manipulada pela destilação de falas perversas e em que situações sou a manipuladora? Qual é o nível de hostilidade presente nas minhas conversas cotidianas – roda de amigos, família, faculdade? Sou capaz de fazer oposição às maldades que escuto ou as recebo de forma passiva, acrítica? Qual é a minha postura diante do mal normalizado, eu o enxergo ou ele passa por mim despercebidamente?

Desenvolvimento

Alguns pontos para elaborar no desenvolvimento:

- Relação direta entre o posicionamento passivo (trio parada dura – ignorância, credulidade e desconfiança) e a perpetuação do mal – *este encontro da vontade de destruição com a alienação – cria vórtices aprisionantes. Entramos em estado de vertigem, neblinados e fascinados pelo mal* – texto Jane pg 58;
- Ressaltar as falas da peça em que fica claro o uso do rumor como artifício para estimular a maldade – o papel desempenhado por Lady Macbeth;
- Dar a ênfase nas figuras de base, que são o terreno fértil para o falar mal, sob os quais o rumor vai atuar, levando Macbeth a aceitar assassinar o rei;
- Incluir o filme nestas análises, o que ele traz de complementariedade em relação à peça?

Sugestão de índice

1. Introdução
2. Desenvolvimento
 - 2.1 O rumor como marcador da hostilidade
 - 2.2 O papel da passividade na perpetuação da maldade
 - 2.3 O rumor e a Maldade em Macbeth

...